

A AFASIA E OS DESAFIOS SOCIAIS: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A EXCLUSÃO NAS PATOLOGIAS DE LINGUAGEM

Tamiles Paiva Novaes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: novaes.tamilespaiva@gmail.com

Milena Cordeiro Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: milenacord.barbosa@gmail.com

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br

56

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre o preconceito linguístico e a exclusão social nas chamadas patologias de linguagem. Além disso, discutiremos a respeito do impacto da afasia na vida desses indivíduos. Segundo Novaes-Pinto (2012), encontra-se afásico o sujeito que possui alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais focais, como acidentes vasculares cerebrais (AVCs), tumores e traumatismos cranioencefálicos (TCE) que comprometem não só a linguagem (oral e escrita), mas também outras funções mentais superiores tais como: atenção, percepção e memória.

Após o comprometimento neurológico, conseqüentemente, modificações na vida social, profissional, emocional e pessoal dos indivíduos podem ser observadas. Neste trabalho, abordagem enunciativo-discursiva foi utilizada tanto para coletar quanto para analisar dados dos casos de sujeitos afásicos, com comprometimento na fala, na leitura e na escrita. Os dados discutidos aqui foram retirados de acompanhamentos longitudinais de sujeitos afásicos que fazem parte do Espaço de Convivência de Afásicos e não afásicos (Ecoa), na UESB, e foram analisados qualitativamente. Dessa forma, verificamos o impacto gerado pelo funcionamento atípico da linguagem na vida desses indivíduos e a atuação dos pesquisadores na articulação teórico-prática, em meio a situações enunciativo-discursivas.

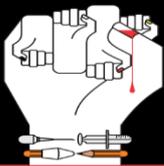
Entendemos aqui a linguagem não como uma simples forma de comunicação, em que se valorizava sobretudo o locutor e o emissor, mas como interação, na qual os sujeitos

Realização:



Apoio:





envolvidos realizam uma ação de mão dupla, um influenciando sobre o outro, em função do lugar que ocupam nessa interação.

Se entendemos e reconhecemos o locutor e o interlocutor como igualmente importantes no processo de interação, devemos também realizar uma análise das condições em que eles interagem. E que condições são essas? Podemos pensar, por um lado, nas características do locutor, nas suas marcas pessoais, seus conhecimentos de mundo, etc., e, por outro lado, nas características do interlocutor, do assunto, o contexto único em que acontece a interação. Só a partir dessas condições sociais e históricas em que se dá cada interação, definindo modos diferentes da língua, que entendemos a heterogeneidade da língua. A língua não reflete só sobre o mundo, ela reflete também o mundo, ela expressa a cultura dos sujeitos e dos grupos.

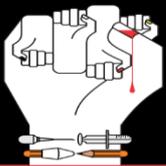
A norma padrão linguística, vista ainda como uma norma culta, se tornou um instrumento de poder e apesar de ser aprendida por muitos ainda é pouco democratizada. Em todos os lugares, a norma padrão é defendida a partir do grupo que detém o poder, não por acaso, o mesmo grupo que é privilegiado no tocante a escolaridade, nível socioeconômico, etc. Às demais normas são atribuídos valores negativos, por vezes ditos incapazes e culpados de sua própria pobreza, por outras estigmatizados por rótulos de diagnósticos médicos (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Mas quando o sujeito possui uma lesão cerebral adquirida ou quando o sujeito se encontra diante de um “fracasso” escolar que se expande para além da escola, como a variante fora de uma norma culta é vista na sociedade?

Para a autora Rosana Novaes (2008), sujeitos que passaram a ter a linguagem e outras funções cognitivas comprometidas em decorrência de AVC, TCE, por demências, como a de Alzheimer e a decorrente da doença de Parkinson, dentre outras, passam a ser vítimas também da ignorância e preconceito de familiares, amigos, colegas de trabalho e até mesmo de profissionais da saúde que não compreendem bem o que está alterado na linguagem, na memória e em outros domínios cognitivos.

METODOLOGIA

Este trabalho está ancorado com base nos pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a Neurolinguística Discursiva (ND), uma proposta de prática (clínica) da linguagem que parte da interação de sujeitos afásicos e não afásicos. São exemplos desse



modelo clínico o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), desenvolvido na Unicamp, que objetiva não apenas oferecer o acompanhamento longitudinal para os sujeitos cérebro-lesados, mas também, enquanto comunidade de fala, relacionar a linguagem, a cultura e a sociedade (SAMPAIO, 2006).

No presente estudo, trazemos dados de TA, sujeito que faz parte do Espaço de Convivência entre afásicos e não-afásicos (ECO/UESB) o qual segue os moldes do CCA. Nesse espaço, de forma análoga, os sujeitos participam de atividades individuais e em grupo, que busca avaliar a linguagem em funcionamento (COTA, 2012).

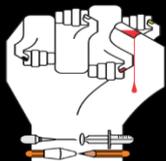
A análise da linguagem que contempla este trabalho advém de dados de acompanhamento longitudinal do sujeito TA, 27 anos, casada, brasileira, nível superior, alegre e carismática. Segundo diagnóstico médico, apresenta uma afasia como sequela de dois Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos (AVCs). Antes do acometimento neurológico, atuava como advogada, cursava pós-graduação, trabalhava em um escritório de advocacia, lia livros e escrevia com frequência.

Os acompanhamentos foram realizados no formato virtual, através do google meet. As investigadoras possuem permissão, bem como a permissão de TA para realizar a pesquisa. O estudo está ancorado nos princípios de ética na pesquisa que envolve seres humanos, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, com o parecer de número: 31936014.5.0000.0055 e o sujeito assinou o termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao tomar a afasia, na perspectiva da ND, o pesquisador depara-se com um sujeito que, segundo Coudry (1988, p. XVIII), “[...] se reconstitui e reconstitui sua linguagem”. Refletir sobre a linguagem e o sujeito nesse contexto é avaliar o ser e seus posicionamentos e para isso são necessários o convívio e a interação com esses casos. A seguir, discute-se um dado advindo de acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos.

TA vai para um compromisso sozinha pela primeira vez depois do AVC, seguindo as instruções e os incentivos dados pelas investigadoras. Ao chegar ao local, TA resolve falar abertamente que tem afasia, decorrente de um AVC e que poderia não entender algumas palavras e descreve suas dificuldades.



Quadro 1. Dado 1 – Eu tenho afasia

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	TA	Eu fui lá, né... aí eu falei assim para a moça/ eu tenho afasia/ ela não entendeu nada e fez uma cara assim		Imitando os gestos da recepcionista
2	Itn	Você conseguiu terminar?		
3	TA	Ela começou a gritar...tadinha/ não sabia		

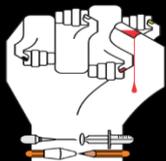
Fonte: Banco de dados das pesquisadoras

O dado revela as dificuldades que os sujeitos afásicos enfrentam diariamente e, também, com relação ao tratamento que recebem por parte da sociedade, por terem sido privados não só da linguagem, mas também do trabalho e das próprias interações sociais.

Para Novaes-Pinto (2008), a exclusão social pode se dar de muitas maneiras: desde a recusa a participar em interações linguísticas com afásicos ou sujeitos com outras síndromes ou até mesmo no modo de conceber o que seria “suficiente” para o sujeito.

CONCLUSÕES

Destaca-se que em sociedades onde há a hierarquização dos sujeitos a partir do domínio e uso da língua culta, os processos de patologia da linguagem tendem a ser lidos socialmente de forma estigmatizada. Esse aspecto além de repercutir em desmotivação para as interações sociais, conforme verificado no acompanhamento com TA, caracteriza vínculos sociais fragilizados de desvalorização dos sujeitos e exclusão social. Assim, afásicos vivenciam privações diversas, desde as alterações no próprio corpo até o modo de ser e estar no mundo.



Dessa forma, tem-se a importância das situações enunciativo-discursivas propostas em espaços de convivência como o ECOA/UESB pelo potencial transformador da interação entre pesquisador e sujeito. As práticas (clínicas) desenvolvidas contribuem para a reintegração social dos sujeitos com patologias da linguagem pela validação das variações linguísticas enquanto possíveis, contrapondo o discurso dominante sobre o sujeito afásico.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Preconceito linguístico. Afasia.

REFERÊNCIAS

COTA, I. R. **O que ecoa o sujeito afásico RG em um estudo.** (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Vitória da Conquista, BA, 2012.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia:** análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Edição consultada: 2001.

NOVAES-PINTO, R. C. Preconceito linguístico e exclusão social na normalidade e nas chamadas "Patologias de linguagem". **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v. 6, n. 6, p. 8-36, ago. 2008.

OLIVEIRA, E. C. OLIVEIRA, M. V. B. Neurolinguística Discursiva: contribuições para discutir a relação entre linguagem e pobreza. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 2, p. 414-424, mai./ago. 2018.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia:** o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala / Nirvana Ferraz Santos Sampaio. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006. (Tese de Doutorado).